

## **Associação Artissal**

A Associação Artissal – Associação para a divulgação e promoção da tecelagem tradicional guineense, está situada em Quinhamel, região de Biombo, Guiné-Bissau. Criada em Novembro de 2004, a Artissal tem como áreas de intervenção a salvaguarda do património cultural e promoção da criação artística, sensibilização e formação das comunidades visando a promoção do associativismo e de actividades económicas e sócio-culturais geradoras de rendimento.

Os tecelões de Quinhamel são membros fundadores da associação. Pertencem à etnia Pepel, a que mais se destaca neste sector de actividade. São todos homens, porque a tecelagem é uma actividade tradicionalmente masculina. O grupo é constituído por **16 pessoas**, todos Mestres Artesãos ou *Oficiais*.

Desde 2006 a Artissal desenvolve em parceria com o CIDAC o projecto “Capacitação dos tecelões de Quinhamel: de beneficiários a actores do desenvolvimento sustentável”<sup>1</sup> que permitiu a integração formal da Artissal no circuito europeu do Comércio Justo.

Contacto: [artiss@l@hotmail.com](mailto:artiss@l@hotmail.com)

## **Informação sobre Guiné-Bissau**

A Guiné-Bissau é hoje um país fragilizado por anos de má governação, adopção de modelos económicos desadequados, sujeição às políticas devastadoras do FMI e do Banco Mundial e conflitos internos que chegaram a provocar um ano de guerra civil (1998-1999), na qual se envolveram também países da sub-região. Esta instabilidade crónica depauperou e tem vindo a desagregar a sociedade guineense, mas não conseguiu anular a vitalidade e a capacidade de intervenção das organizações da sociedade civil, legalmente activas desde o início da década de 90 e que têm sido apoiadas por muitas organizações de desenvolvimento europeias.



O investimento externo está praticamente ausente do país, especialmente sob a forma de Investimento Directo Estrangeiro. As contas externas são caracterizadas por um desequilíbrio estrutural da balança comercial que decorre da importação crescente de alimentos (principalmente o arroz), de combustíveis (a Guiné-Bissau é completamente dependente da

<sup>1</sup>Para mais informação ver [www.cidac.pt](http://www.cidac.pt)

importação de combustíveis para a produção de energia) e de equipamentos e materiais de construção. Ora todas estas mercadorias deverão continuar a ver aumentar a procura interna no médio prazo. A crescente urbanização da população e o abandono dos campos agrícolas e de algumas culturas tradicionais colocarão pressão adicional sobre a oferta de alimentos. Se esta não for satisfeita internamente exigirá crescentes necessidades de importação.

Por outro lado, a Guiné-Bissau depende quase exclusivamente da exportação da castanha de caju e de um reduzido número de clientes externos. A taxa de cobertura das importações era, em 2003, de apenas 67,8% e em declínio desde 2001 (ICEP, 2004). Segundo o International Trade Centre, a Guiné-Bissau apresenta-se como o 5º país do mundo com maior grau de especialização na produção de frutos frescos (neste caso o caju é classificado deste modo). As receitas decorrentes da exportação do caju têm vindo a baixar drasticamente nestes dois últimos anos, devido ao baixo custo pago pelos exportadores pelo produto bruto (entre 50 e 100 CFA em 2006 e 2007, contra uma média de 300 CFA nos anos anteriores) e ao baixo volume adquirido (12.000 toneladas em 2007). O fracasso destas duas últimas campanhas agrícolas tem repercussões importantes nos níveis de pobreza e indicam uma necessidade absoluta de diversificação das produções e das fontes de rendimento.

Internamente, as infraestruturas da Guiné-Bissau são extremamente deficientes, ou mesmo inexistentes, nomeadamente ao nível do transporte e da rede de frio. A falta de transportes e de serviços de apoio ao comércio são ainda as principais razões do elevado preço praticado para muitos bens em Bissau - as associações de produtores, quando existem, raramente conseguem reunir os meios suficientes para comprar meios de transporte próprios. Por outro lado, as pequenas quantidades produzidas obrigam a que, suportados os custos de transporte, os bens produzidos tenham de ser vendidos a um preço unitário elevado. Não existem prestadores de serviços na área da embalagem e do *marketing* - a necessidade ainda não atingiu o ponto crítico que leva ao seu surgimento, dado que o mercado interno, pobre e de pequena dimensão, tem como quase única preocupação os preços e não a qualidade, imagem ou marca dos produtos comercializados.

Apesar de numerosas e muito activas no domínio da produção, as organizações de produtores têm debilidades no que respeita à qualificação dos seus recursos humanos, mais ainda quando está em causa a produção para a exportação. As operações comerciais na sub-região são protagonizadas principalmente por mulheres e têm lugar nos mercados semanais locais das diferentes localidades fronteiriças.

Este cenário leva muitas ONG guineenses a desenvolver programas de combate à pobreza através da promoção de actividades de comércio, prestando apoio técnico (incluindo serviços de informação sobre mercados, serviços de extensão agrícola, de divulgação e de comercialização de produtos locais, disseminação de novas tecnologias, formação) e organizacional aos pequenos produtores com vista à promoção dos seus produtos no mercado interno. Em vários momentos estas organizações mostraram interesse em conhecer em maior pormenor a forma de funcionamento dos circuitos de Comércio Justo, após tomarem conhecimento do seu impacto no combate à pobreza em diferentes pontos no Mundo.

### **Breve informação sobre Quinhamel**

Quinhamel é uma região onde é dominante a etnia Pepel, etnia que mais se destaca na tecelagem tradicional (junto com a etnia Manjaca). O grupo específico dos tecelões no seio desta etnia vive estritamente dos rendimentos da sua arte, e pertence às camadas mais enfraquecidas da Guiné-Bissau. Os tecelões demonstram um nível de escolarização e alfabetização fraco ou inexistente.

